

“CONHEÇO OS NOMES DAS LETRAS DO ALFABETO, MAS NÃO CONSIGO JUNTÁ-LAS”

BENETI Hercília Maria Fayãoⁱ; REIS Márcia Santos Anjoⁱⁱ; BORGES Marta Maia de Assisⁱⁱⁱ

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem, Alfabetização, Formação de professores

1. JUSTIFICATIVA / BASE TEÓRICA

Estamos vivendo um contexto de múltiplas linguagens e com o avanço tecnológico, o mundo se dividiu em real e o virtual e, assim, novas exigências de aprendizagem são impostas a todo instante ao homem. Mas, de que indivíduo estamos falando, se em cada momento histórico/ político e social são construídas diferentes visões de mundo, homem e sociedade?

Neste estudo, consideraremos o homem como um ser concretamente concebido, real, capaz de construir e reelaborar seus conhecimentos, agente transformador, parte ativa do seu meio social, capaz de perceber as mudanças e contradições geradas pela história. Dentre os diferentes conhecimentos que se requer dele, nesse contexto histórico, a linguagem escrita é importante, pois em nossa cultura grafofônica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom, pois pode trazer benefícios a esse indivíduo e à sociedade. Saber ler e escrever, numa sociedade letrada é relevante até para a sobrevivência humana.

Segundo Soares, 1988, a leitura não é um ato solitário, é interação verbal entre indivíduos socialmente determinados, dentro de seus universos; é um ato rico de significados que se estabelecem no contexto e nas relações. Assim como essa leitura pode ser instrumento de reprodução e de opressão, expressando valores de uma classe social que mantém a posse e o controle dos bens de produção, ela também pode criar espaços de antagonismos e contradições porque é um processo político.

Tal como a contradição está presente nas relações de produção dos bens materiais e nas condições de acesso a esses bens, assim também está ela presente nas relações de produção dos bens culturais, entre eles, a leitura, e nas condições de acesso a esses bens. (SOARES, In ZILBERMAN, 1988:28)

Enquanto instrumento de reprodução, ela privilegia uma classe social, quem a domina exerce sobre os outros uma liderança e os fazem sentir incapazes e dependentes. Ao mesmo tempo em que a linguagem escrita é um bem social, ela abre espaços de antagonismos, pois nem todos têm acesso a ela, por razões várias, e aí surge a exclusão. Neste sentido temos depoimentos diversos de analfabetos que são explorados, a todo instante, quer seja nos supermercados ou em lojas e até pelos políticos em tempos de eleição.

Contamos, pois, em nosso país (que não é significativamente diferente dos demais, mas que tem características específicas) com um número expressivo de adultos, que, por diferentes razões, não tiveram acesso aos bens culturais. Essa situação de contradição tem sido, ultimamente, muito discutida e, ao mesmo tempo, explorada por grupos políticos.

Nos últimos anos muito se fala em “acabar” com o analfabetismo como se fosse um objeto, e não uma condição ou estado vivido por muitas pessoas por não terem a aquisição da linguagem escrita. Referem-se ao analfabetismo como praga, vergonha nacional, enfermidade, expressões que reforçam sentimentos de marginalidade, culpabilidade, como se as pessoas que têm essa condição fossem as causadoras da sua carência. Ainda nos discursos políticos falam-se em criar programas de alfabetização de adultos como se o processo de aprendizagem da leitura e da escrita fosse simples de ser compreendido, ensinado, adquirido e apropriado, sem precisar de condições apropriadas e de mediadores competentes.

A natureza desse conhecimento é complexa, multideterminada e requer o acesso a várias ciências, principalmente da Psicologia, Pedagogia e da Linguística e áreas afins, sem

excluir outras. No entanto, vemos e, às vezes até participamos, de programas de alfabetização que estão sendo propostos com objetivos mágicos (acabar com o analfabetismo, por exemplo) e utilizando meios questionáveis (não se exige formação específica do alfabetizador, não há metodologias adequadas e nem recursos didáticos apropriados). É lamentável que se pense em máquinas de fabricar alfabetizadores.

E os resultados? Esses parecem miraculosos, principalmente, se olharmos as estatísticas com o número de alfabetizados. Porém, as informações contidas nesses documentos escritos, se comparadas com a realidade constatada, divergem muito, basta pesquisar pessoalmente nas fontes, ter acesso aos nomes das pessoas matriculadas, conversar com elas, avaliar com responsabilidade o conhecimento que estão adquirindo. Com certeza, facilmente e tristemente, vamos perceber que os nomes dos alfabetizados se repetem em vários módulos, são os mesmos alunos que retornam porque, a maioria não conseguiu aprender a ler e escrever (muitos são exímios copistas – só escrevem, ou melhor, desenham as letras sem compreendê-las).

Estando há mais de cinco anos acompanhando alguns programas de alfabetização de adultos e consideramos que a Universidade seja o campo privilegiado da pesquisa. É preciso investir em estudos que possam auxiliar o professor alfabetizador, e lutar para que ele seja reconhecido como aquele que possui um conhecimento específico, necessário para mediar e ensinar a linguagem escrita. Dar às pessoas novas oportunidades de vida por meio da alfabetização significa mudar suas perspectivas de vida. Ensinar a desenhar o nome próprio de cada um, das letras do alfabeto, sem explicar o sistema da escrita é oferecer muito pouco a quem já foi marginalizado e carregou o estigma de analfabeto por vários anos.

Mesmo sabendo da importância que o analfabeto adulto dá para a aprendizagem da sua assinatura, esse fato só deve servir-lhe de estímulo. A satisfação que lhe causa o fato de não assinar com as marcas digitais, “colocar o dedo”, quando solicitado a assinar o nome, não pode ser o objetivo e nem o fim de um projeto de alfabetização.

Aprender a assinar fluentemente responde a necessidade – ou desejo de ser identificado como alfabetizado. O ato de assinar reproduz o fato histórico desse ato que foi constituído legalmente na Renascença. (...) O valor simbólico da assinatura redimensiona também os processos de reafirmação da identidade, uma vez que outra função do ato de assinar fora a de marcar a filiação do indivíduo a um grupo de família que, assim, passava conferir-lhe uma identidade e um patrimônio por meio da instituição do sobrenome. (KLEIMAN, apud ARCOVERDE, 2002: 89)

Essa auto-realização que é facilmente encontrada entre os alfabetizados, não pode ser negada a ele, mas não pode ser conseguida mecanicamente; eles precisam compreender dois aspectos fundamentais: o caráter simbólico da escrita, entendendo-a como um sistema de signos cuja essência está no significado, subjacente a ela (esse significado é determinado historicamente, culturalmente e é compartilhado pelos membros da comunidade), e os usos sociais da escrita (as diferentes formas que a sociedade utiliza essa escrita).

O desafio que se coloca hoje aos alfabetizadores é como desenvolver o processo de alfabetização numa perspectiva de letramento, que é definido como “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, ou seja, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES apud LEITE, 2001:30)

Considera-se que o indivíduo, com um bom nível de letramento, usufrui melhor de outra condição social e cultural, mantém relações mais adequadas com outras pessoas, com os bens culturais e consigo mesmo – em diferentes contextos sociais. Apropriar da linguagem escrita vai além do domínio do código ou da tecnologia da escrita.

O processo de alfabetização implica o compromisso político dos educadores envolvidos e a base para esse envolvimento é entender esse processo. Durante muito tempo acreditou-se que a linguagem escrita fosse consequência da imitação de alguém alfabetizado; era uma atividade mecânica, descontextualizada. A preocupação do alfabetizador estava na metodologia, nos materiais didáticos, na cartilha e executar pacotes prontos produzidos para uma massa de analfabetos sem nome, sem rosto, sem história. Muitos adultos, mesmo analfabetos têm uma grande interação com a escrita durante a sua vida, interagem com os eventos de letramento de sua cultura, elaboram hipóteses sobre a função da escrita a partir do conhecimento que têm da língua escrita; isso tudo não pode ser ignorado.

A compreensão do processo de aquisição e apropriação da linguagem escrita pelo adulto dependerá também do recebimento de informações lingüísticas adequadas para o desenvolvimento da linguagem. A mudança de foco do “Como se ensina” para o “Como se aprende” exige pesquisa, conhecimentos e respostas a serem dadas. Cada pessoa adquire o conhecimento da escrita de forma diferente. Consideramos que a inscrição do sujeito no mundo da escrita inclui desde questões cognitivas, afetivas, lingüísticas, sociais, emocionais e outros aspectos característicos da idade, além do desejo e da necessidade da aprendizagem. A compreensão da maioria delas é importante para a prática pedagógica do professor. É preciso compreender o “como se aprende”, o que o adulto já sabe da escrita e da leitura e os fatores que interferem na aprendizagem para se oferecer as mediações necessárias.

Em Jataí temos alguns projetos de alfabetização de adultos e, alguns, com turmas de pessoas na 3ª idade, as quais apresentam mais dificuldade na alfabetização. Tentando justificar as dificuldades encontradas na aprendizagem a maioria desses alunos coloca a culpa em si mesmos: “tenho dificuldade de enxergar”, “minha memória está ruim”, “não sou inteligente”, “não aprendo porque estou velho”. A expressão terceira idade é um termo contemporâneo usado para caracterizar aqueles que a sociedade convencionou chamar de velhos. O conceito de velho, no entanto, é muito relativo; de acordo com as pesquisas bibliográficas há diferentes concepções com delimitações variadas do ciclo dos anos. Para efeito deste trabalho, consideraremos a de Masquera (1976) que considera a 3ª idade para as pessoas acima de 55 anos.

Apesar de, em nossa sociedade, muitas pessoas dessa idade já sentirem o peso da velhice, decorrente de maus tratos com a saúde, trabalho físico e da dura jornada da vida, acreditamos que esses indivíduos têm o direito do acesso aos bens culturais não é privilégio de uma idade, mas de todas.

Baseando-nos nas reflexões feitas, pretendemos, com este projeto de pesquisa, estudar os fatores que influenciam na aprendizagem da linguagem escrita dos adultos, principalmente, os da terceira idade. O desabafo de muitos deles: “conheço as letras, mas não consigo juntá-las”, e o constante pedido de ajuda que ouvimos, motivou-nos a iniciar este estudo, e consideramos que seus resultados poderão abrir caminhos para muitas propostas de trabalho.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral: Por meio desta pesquisa, queremos entender os fatores que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita dos adultos, principalmente os da terceira idade (acima de 55 anos), oferecendo aos seus alfabetizadores melhores condições de refletirem a sua prática e o próprio processo de alfabetização.

Objetivos específicos:

- Provocar nos participantes do projeto, durante a pesquisa, questionamentos e incertezas quanto o processo de alfabetização de jovens e adultos, gerando estudos das teorias já existentes, confirmando-as, negando-as e ampliando-as, buscando entender outras causas que possam influenciar essa aprendizagem, gerando novos conhecimentos.
- Colaborar com os estudos da área de ensino aprendizagem e formação de professor.

3. METODOLOGIA

Consideramos metodologia como um conjunto de procedimentos articulados entre si, cuja finalidade é obter resultados confiáveis que nos permitam produzir conhecimento. Baseando neste conceito, por meio da metodologia escolhida, esperamos compreender os fatores que interferem na alfabetização de adultos, principalmente os da terceira idade. Observando, refletindo a prática com as teorias, tentando analisar como o adulto aprende e as dificuldades que encontram, refletindo as produções produzidas por ele espera-se alcançar os objetivos deste trabalho.

A metodologia a ser utilizada, quanto aos seus objetivos, de acordo com Gil, 2002, exigirá uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo e com base nos procedimentos utilizados a pesquisa bibliográfica permeará todo o estudo, dando fundamentos e respostas às indagações que surgirem, procurando em livros e publicações científicas, a fundamentação teórica para refletir os problemas que forem detectados. A pesquisa de campo, com observação sistemática, nos oferecerá condições de acompanharmos o desenvolvimento da linguagem escrita e as dificuldades apresentadas.

Durante as observações serão coletados dados quinzenalmente, por meio da produção escrita e leitura dos participantes. Esses dados serão registrados em formulários específicos e, posteriormente serão feitas as análises se, interpretação dos dados e apresentação dos resultados.

Quanto aos Instrumentos utilizados, teremos: elaboração de roteiros para realizar as observações, entrevistas, filmagens, fotografias, coleta de materiais (produções de alunos). Todas as observações serão criteriosamente anotadas e arquivadas.

Os alfabetizandos que participarão do projeto serão escolhidos segundo alguns critérios: idade, estarem no início do processo de construção da linguagem escrita, estarem regularmente matriculados no projeto de Extensão “Alfabetização de adultos” e aceitação na colaboração da pesquisa.

Haverá um professor selecionado para o trabalho, o qual, juntamente com a equipe de professores orientadores e acadêmicos atuantes no projeto, farão a seleção dos participantes. Haverá três encontros semanais com os alfabetizandos, com a duração quatro horas cada um. As aulas serão planejadas sob a orientação dos professores que também participarão das avaliações e das discussões. Vários materiais didáticos serão utilizados e serão incluídos neste trabalho 2 encontros semanais, realizados no laboratório de informática.

4- ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS E RESULTADOS PARCIAIS

Neste ano de 2005, o trabalho tem se desenvolvido com sucesso. Temos três turmas de alfabetização e todas estão progredindo na aprendizagem do sistema da escrita.

No primeiro momento acreditamos na necessidade de professores alfabetizadores competentes, pesquisadores, para que pudessem realizar o trabalho e gerar resultados positivos. Trocamos a equipe de trabalho, e com uma monitora bolsa PROLICEN os alfabetizandos já estão entendendo o processo de alfabetização. A competência do professor, a criatividade, a capacidade de refletir, pesquisar e buscar compreender a aprendizagem de cada um foi o primeiro item que apostamos. A seguir, percebemos a influência de fatores relativos a idade avançada da maioria dos alunos como limitações visuais e auditivas. Para auxiliá-los foram providenciadas consultas médicas oftalmológicas, fonoaudiológicas, com a doação de

óculos e aparelhos auditivos. Encontramos também problemas de ordem motora, estes serão encaminhados para profissionais especializados.

A pesquisa, ainda em andamento, necessita de tempo para responder todos os objetivos propostos, porém os resultados são animadores.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima. *A inserção do sujeito no mundo da escrita*. In Revista do Programa Alfabetização Solidária. V.2, n.2, jan./jun.2002. S. Paulo: UNIMARCO, 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1999. (Pensamento e Ação no Magistério).
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. S. Paulo: Scipione, 1993.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. CAGLIARI, Gladis Massini. *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP: mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; S. Paulo: Fapesp, 1999 (Coleção Leituras no Brasil). p. 121 a 128.
- DURANTE, Marta. *Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FERNANDES, Dorgival Gonçalves Fernandes. *Alfabetização de jovens e adultos: pontos críticos e desafios*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 31 a 40.
- FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre Alfabetização*. Trad. Horácio Gonzáles, 24.Ed. atualizada. S. Paulo: Cortez, 2002. Coleção Questões da nossa Época; v. 14. p. 16 a 41.
- _____. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- _____. *Com Todas as Letras*. 3 ed. trad. Maria Zilda da Cunha Lopes; retrad. e cotejo de textos Sandra Trabucco. Venezuela. – São Paulo: Cortez, 1993. (Biblioteca da Educação – série 8 – Atualidades em Educação – v.2).
- KRAMER, Sônia. *Alfabetização leitura e escrita*, Formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2001.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.) *Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.
- MELO, Orlinda Carrijo. *Alfabetização e Trabalhadores: o contraponto do discurso oficial*. Campinas. S. P: Editora Unicamp; Goiânia. GO: Editora UFG, 1997.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria da Educação Fundamental. *Viver, aprender: educação de jovens e adultos*. Guia do educador. Brasília, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Editora Dimensão.
- ROJO. Roxane. (Org.) *Alfabetização e Letramento: perspectivas lingüísticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização*. In Presença Pedagógica, Belo Horizonte.
- SOARES, M. B. *As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto*. In: ZILBERMAN, R. & Silva, E. T. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. S. Paulo: Ática, 1988. p 18-29.
- TERZI, S. B. A. *Construção da Leitura*. Campinas. S.P.: Editora UNICAMP/Pontes, 1995.
- VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins

CADASTRO NA PRPPG: 03080000129 e FINANCIAMENTO PROLICEN

ⁱ Pesquisadora. Campus Avançado DE Jataí/UFG. marcialibra@ibest.com.br

ⁱⁱ Pesquisadora Colaboradora. Campus Avançado de Jataí/ UFG. martamaia@jatainet.com.br

ⁱⁱⁱ Pesquisadora Orientadora. Campus Avançado de Jataí/UFG. hercilia@abenet.com